



A praia como lugar de memória e formação de sociabilidades

 Marcelo Ribeiro Tavares¹  Lilian Fessler Vaz²  Madalena Cunha Matos³

¹ Doutor em Urbanismo - Universidade Federal do Rio de Janeiro. marcelostavares@globo.com

² Professora Doutora – Universidade Federal do Rio de Janeiro. lilianfv@gmail.com

³ Professora Doutora – Universidade de Lisboa. mcunhamatos@fa.ulisboa.pt

Cite como

American Psychological Association (APA)

Tavares, M. R., Vaz, L. F., & Matos, M. C. (2021). A praia como lugar de memória e formação de sociabilidades. *Rev. Gest. Ambient. e Sust. - GeAS*, 10(1), 1-14, e19543. <https://doi.org/10.5585/geas.v10i1.19543>.

Resumo

Introdução: Esporte e espaço urbano formam um binômio singular. A cidade como lugar privilegiado de práticas sociais possui no esporte um uso importante para a produção de memórias e para o fortalecimento de sociabilidades.

Metodologia: Inclui revisão de literatura e pesquisa de campo para observação dos eventos, além da aplicação de questionários via ambiente virtual com jogadores amadores e frequentadores da praia.

Resultados e discussão: Destaca-se a praia como lugar de diferenciação e conflito, que institui códigos, normas e usos segregados; a praia como lugar de mediações de conflitos advindos da intensidade de usos que são requeridos para esse espaço e a praia como lugar de disputa por espaço, desde atividades de trabalho às atividades de esportes e lazer. Frequentar a praia é um exercício intenso de socialização.

Contribuições teórico-metodológicas: Destacar a pesquisa de literatura e de campo como suporte para ações de investigação que tenham a paisagem, a memória e o esporte como temas fundamentais para se pensar o espaço urbano, sobretudo, em lugares onde há uso de lazer ao longo do tempo.

Conclusões: Verifica-se que a praia é um lugar onde conflitos e disputas por espaço se dão de forma intensa, mas a sociabilidade que se forma em torno de um ambiente tão agradável e voltado para atividades lúdicas e de lazer torna-se também uma marca da identidade carioca. Copacabana é uma referência mundial para a prática do vôlei, sede de campeonatos internacionais e das Olimpíadas de 2016. Assim, a orla é um espaço público importante como lugar de lazer e sociabilidade em meio urbano.

Palavras-chave: Vôlei. Sociabilidade. Memória. Praia. Copacabana.

A praia como lugar de memória e formação de sociabilidades

Abstract

Introduction: Sport and urban space are a unique binomial. The city as a privileged place for social practices is an important mean for sports and a consequent production of memories plus more sociability.

Methodology: It includes a literature review and field research to observe the events in addition to virtual questionnaires for the subjects: amateur players and beachgoers.

Results and discussion: The beach stands out as a place of differentiation and conflict, which institutes segregated codes, norms and uses; and it is also somewhere for mediation of conflicts arising from the intensity of uses that are required for this space. Ultimately, the beach is a place of dispute for space, from work activities to sports and leisure activities. Going to the beach is an intense socializing exercise.

Theoretical and methodological contributions: Highlighting literature and field research as a support for research actions that have landscape, memory and sport as fundamental themes for thinking about the urban space, especially in places where there is use of leisure over time.

Conclusions: It is observed that the beach is a place where conflicts and disputes for space occur in an intense way, but the sociability that is formed around such a pleasant environment and focused on recreational and leisure activities also becomes a mark of identity. From Rio. Copacabana is a world reference for the volleyball practice and a venue for several international championships, including the





2016 Olympics. Thus, the shore is an important public space as a place of leisure and sociability in an urban environment.

Keywords: Volleyball. Sociability. Memory. Beach. Copacabana.

La playa como lugar de memoria y formación de sociabilidad

Resumen

Introducción: El deporte y el espacio urbano forman un binomio único. La ciudad como lugar privilegiado para las prácticas sociales tiene un uso importante en el deporte para la producción de recuerdos y para el fortalecimiento de la sociabilidad.

Metodología: Revisión de literatura e investigación de campo para observar eventos, además de la aplicación de cuestionarios vía entorno virtual con jugadores amateurs y bañistas.

Resultados y discusión: La playa se destaca como un lugar de diferenciación y conflicto, que instituye códigos, normas y usos segregados; la playa como lugar de mediación de conflictos derivados de la intensidad de usos que se requieren para este espacio y la playa como lugar de disputa por el espacio, desde las actividades laborales hasta las actividades deportivas y de ocio.

Contribuciones teóricas y metodológicas: Destacar la literatura y la investigación de campo como soporte de acciones de investigación que tienen el paisaje, la memoria y el deporte como temas fundamentales para pensar el espacio urbano, especialmente en lugares donde hay uso del ocio en el tiempo.

Conclusiones: Se observa que la playa es un lugar donde se producen intensos conflictos y disputas por el espacio, pero la sociabilidad que se forma en torno a un entorno tan agradable y enfocado a las actividades recreativas y de esparcimiento también se convierte en una seña de identidad local. Copacabana es un referente mundial para la práctica del voleibol, sede de varios campeonatos internacionales y de las Olimpiadas de 2016. Así, la costa es un importante espacio público como lugar de esparcimiento y sociabilidad en un entorno urbano.

Palabras clave: Vóleibol. Sociabilidad. Memoria. Playa. Copacabana.

1 Introdução

Pensar a orla de uma cidade, com as areias e o mar como referências de acolhimento da população para o lazer e a fruição, é algo que valoriza muito um lugar, pois remete a uma ideia de natureza, associada a algo de extrema beleza e significado para a humanidade. Corbin (1989, p. 39) afirma que o relevo costeiro corresponde às intenções do Criador: “Foi Deus que dispôs a areia no litoral a fim de que ela forme uma barreira. As praias e as dunas não são vistas como resultado da erosão, mas como elementos de uma arquitetura, edificada após o dilúvio”. Nas cidades que possuem praias acessíveis à população, as areias e o mar se associam, ainda, com calçadas, ciclovias e com uma gama de atividades que dinamizam e valorizam particularmente todo aquele entorno. A cidade do Rio de Janeiro é bastante conhecida por sua orla extensa e exuberante, e pela praia de Copacabana, praia das mais lembradas – uma das mais elogiadas pelo seu conjunto. Não à toa ela foi declarada como paisagem cultural urbana pelo patrimônio mundial (Nações Unidas, 2017).

Tendo isto em vista, nesse artigo, destaca-se a orla do Rio de Janeiro, com suas várias praias, para abordar as sociabilidades que se formam, desde as mais conflituosas, que se caracterizam como disputa por espaço, até aquelas que são desenvolvidas com o objetivo de extrair fonte de renda na oferta de serviços, passando por aquelas caracterizadas como de



instância cultural, como manifestações artísticas e sociais. Entretanto, merecem destaque as sociabilidades formadas pelo principal motivo que leva a frequência das pessoas às praias: o uso de lazer e esportes. Em Copacabana, verifica-se que o vôlei, que se realiza nessa praia, guarda características bastante particulares para a formação de memórias. Aliás, por si só, o vôlei tem sempre uma inserção nas praias, ao movimentar não só as pessoas que jogam, como também as que assistem e participam daquela paisagem, conforme os resultados de nossas pesquisas mais recentes apontam (Tavares, 2020; Tavares; Vaz; Matos, 2020).

Logo, esporte e sociedade ganham destaque nos estudos do espaço urbano, pois “os esportes, enquanto fenômeno social, se realizam a partir de determinadas condições históricas e geográficas, ainda que este último conjunto de condições nem sempre seja reconhecido” (MASCARENHAS, 1999, p. 49). Ademais, nota-se que a territorialidade se especializa a partir de práticas esportivas no espaço:

A essência da cultura esportiva – ou culturas esportivas – é converter o espaço em território(s) para ajudar a revelar a dimensão espacial das principais questões que atravessam as sociedades contemporâneas, em diferentes níveis e escalas. O esporte é como reflexo da realidade social, mas também, para muitos, uma das ferramentas de intervenção social – políticas públicas, educação de indivíduos, concepções e práticas de animação, etc. – que promove a expressão de pertencimentos, identidades e tensões que estes podem despertar (CALLEDE; AUGUSTIN, 2010, p. 293, tradução livre).

O marco teórico principal que se destaca nessa pesquisa remete aos estudos das territorialidades do esporte, sobretudo na mediação territorial, quando, frequentemente, os habitantes das cidades redefinem seu lugar na sociedade. A noção de mediação territorial complementa “os conceitos de território e territorialidade ou mediação, enfatizando o papel regulador que atua entre os indivíduos e seu local de vida, próximo ou distante” (AUGUSTIN, 2018, p. 84, tradução livre). Esta mediação, por sua feita, é fundamental para analisar as práticas culturais e esportivas, uma vez que destaca os vínculos com o local, com o espaço, com escalas territoriais diversas e com relações sociais e espaciais por ela reveladas, como aponta Augustin.

É importante ressaltar que a cidade contemporânea tem sido objeto de muitas ações e, também, de estudos sobre as suas dinâmicas. Ainda assim, nem sempre o esporte foi tema preferencial de análises. Elias e Dunning (1992, p. 17) já afirmaram que o desporto vinha sendo esquecido pela maioria dos sociólogos, em virtude da dificuldade de se pensar a questão com distanciamento dos valores dominantes característicos das sociedades ocidentais, o que impedia a compreensão do “significado social do desporto, os problemas que este coloca ou o campo de ação que oferece para a exploração de áreas da estrutura social e do comportamento que, na maior parte, são ignoradas nas teorias sociais”. Portanto, este campo de estudos vem despertando o interesse, seja no âmbito desportivo, de grande



alcance social, seja nos pequenos eventos que se inserem no cotidiano. Por extensão, as praias tornam-se lugares importantes das cidades litorâneas, que oferecem uma diversidade de atividades relacionadas ao esporte e ao lazer, enriquecendo a vida social e cultural e contribuindo para formação de sociabilidades que são relevantes para a vida urbana.

2 Objetivos

O objetivo central desse artigo é destacar algumas sociabilidades comuns às praias, com destaque para aquelas formadas pelo vôlei em Copacabana. Os objetivos específicos incluem identificar e refletir sobre as formas de ocupação da praia, verificando atividades regulamentadas e, também, conflitos e disputas por espaço, uma vez que a orla carioca é bastante valorizada como ponto de encontro para lazer na cidade.

3 Método de análise

O método de trabalho usado é o mais comum em pesquisas de natureza qualitativa, como esta em tela. Foi feita uma ampla revisão de literatura, com ênfase em investigações que apontam para a relação do esporte com os espaços urbanos e a história do lugar, tendo a praia de Copacabana como destaque. Ainda, realizou-se pesquisa de campo, entre os anos de 2016 e 2020, com a observação sistemática das atividades nessa orla, que se estende por quase quatro quilômetros, mas, também, acionando a memória, já que um dos autores foi morador e jogador de vôlei por muitos anos ali. Outra ação importante da pesquisa foi a aplicação de questionário, por meio virtual, com frequentadores do espaço. Alguns depoimentos dos nossos duzentos respondentes são, aqui, destacados, sendo entremeados a outras pesquisas que tiveram a orla carioca e a praia de Copacabana como tema.

Foram escolhidas pessoas-chave para disparar os questionários, através de contatos realizados ao longo da pesquisa de campo, distribuídas pelos seis trechos da orla, subdivididos com base na própria existência dos seis postos de salvamento. Os primeiros “disparos” foram através de rede social e, depois, seguiu-se de modo aleatório. Assim, muitas respostas foram de conhecedores da prática esportiva na praia de Copacabana, e outras nem tanto.

As perguntas do questionário se dividiram em três blocos. Recorreu-se a Sack (2009), através do entendimento de que as territorialidades, marco teórico dessa pesquisa, se formam a partir de três instâncias diferentes (Classificação, Comunicação e Controle). Apresentaram-se as perguntas de forma “corrida” (em sequência) no questionário, ou seja, os respondentes não percebiam nenhuma divisão das questões por blocos, mas, para a pesquisa, era importante organizar esses três conteúdos. No primeiro bloco, as perguntas versaram sobre como o respondente se identifica (nome, idade, onde mora, etc.). No segundo bloco, as



perguntas abordaram os motivos que levam o interlocutor a frequentar a praia, qual trecho costuma ir e por quê. O último bloco versou sobre como este percebe a praia em relação, mais especificamente, à presença do vôlei. Nesse bloco, foram introduzidas as perguntas abertas, como forma de identificarmos questões mais qualitativas. Desse conjunto de ações articuladas, foi possível extrair alguns resultados para discussão, como demonstrado a seguir.

4 Resultados

Os resultados que se quer destacar apontam para três aspectos fundamentais que, na mesma medida, se articulam aos nossos objetivos: (1) a praia como lugar de diferenciação e conflito, que institui códigos e normas (oficiais e culturais), ajudando a criar lugares de valorização e, conseqüentemente, de segregação; (2) a praia como lugar de mediações de conflitos advindos da intensidade de usos que são requeridos para esse espaço; e (3) a praia como lugar de disputa por espaço, o que faz com que haja trabalhadores (que buscam sustento) e os adeptos de esportes e de atividades lúdicas (que buscam a fruição). Em conjunto, os aspectos destacados contribuem para a complexa rede de sociabilidades que se dão na orla.

4.1 A praia como lugar de diferenciação (e segregação)

Em documentário sobre as praias do Rio, nomeado como “Faixa de Areia” (Kallmann e Silva, 2007), com pouco mais de 94 minutos de duração, há uma série de entrevistas com frequentadores das praias da cidade – realizadas predominantemente em dias de muito sol. O documentário inclui 45 tomadas em praias diversas, oceânicas e bem urbanizadas (Copacabana, Ipanema, Leblon), como as praias da Baía de Guanabara (Urca, Flamengo, e o chamado “piscinão de Ramos”), além das praias da Zona Oeste da cidade (Barra da Tijuca) e a Restinga de Marambaia (área militar, de acesso restrito). O vídeo é um registro leve e solto sobre assuntos diversos, e faz algumas perguntas como “A praia é um lugar democrático?”, “A praia é um lugar bom para paquerar?”, ou “Qual o seu sonho?”. Os desdobramentos dessas questões e a riqueza de muitos depoimentos dos entrevistados – anônimos e, também, algumas figuras conhecidas – permitem um bom registro do modo de viver carioca associado à praia.

Uma das ideias que cabe retomar no universo geral, recorrente quando se fala em praia, é a sua compreensão como lugar democrático. Essa ideia deve ser relativizada, uma vez que se trata de um espaço público, no qual, teoricamente, todos os cidadãos possuem os mesmos direitos. Como se diz popularmente, o sol pode até nascer para todos, mas brilha com intensidades diferentes para cada grupo de frequentadores.



A abertura do referido documentário se dá com a entrevista de dois jovens na praia de São Conrado. Eles começam falando que são moradores da Rocinha, mas, ali na praia, “pode vir gringo, que o respeito é o mesmo com todos”. Entretanto, ao longo da conversa, vão aprofundando a temática e afirmam que, na realidade, “o lazer da gente está acabando” e “o jovem não tem serviço (trabalho)”. Além disso, eles se definem: “a gente tem a nossa cor” – os jovens são negros e nos fazem pensar que são alvo de preconceito, inclusive na praia, que é perto da casa deles (Kallmann e Silva, 2007).

Em nosso questionário, por sua vez, a maior parte dos respondentes afirmou que entendia a praia como um lugar de todos. Apesar dessa constatação, compartilhada por muitos, existem versões contundentes que expõem outra realidade, como a de uma entrevistada para o documentário de Kallmann e Silva (2007), que afirma: “não sou hipócrita, é uma questão de educação: criança joga areia e isso incomoda, sim. Não tem educação, vai pro Piscinão de Ramos”.

Quando convidados a comentar sobre o vôlei na praia de praia de Copacabana, os respondentes da nossa pesquisa levantaram alguns pontos interessantes, como: “Acho o espaço da praia bem democrático e em Copacabana a faixa de areia é bem ampla”, o que nos leva a deduzir que existe espaço suficiente para a interação pacífica de todos. Outros dois respondentes destacaram a diferença existente na praia quando ela está muito cheia e quando está muita vazia: “nos finais de semana de muito sol, a praia fica muito ‘muvucada’ e atrapalha a nossa rotina aqui na rede”. Para outro respondente, “é uma delícia aproveitar a praia quando a galera vai embora, o sol vai perdendo a intensidade e o vento diminui”. Nos dois relatos, podemos verificar que a praia ideal não combina com muita gente diferente reunida neste espaço dito democrático, apesar da maioria dos respondentes ter afirmado que a praia pertence a todos, como, a princípio, é verdade.



Figura 1

Lazer e esporte trazendo movimento à orla. Praia de Copacabana próximo ao Posto 5



Fonte: Elaboração própria (janeiro de 2019).

Outra ideia que parece bastante usual é a de que a praia, como lugar democrático, é um espaço pacificado. No documentário de Kallmann e Silva (2007), um entrevistado, em Ipanema, destacou o medo da violência que deve existir no Piscinão de Ramos, além da falta de identificação com as pessoas de lá. Ratificou, ainda, que isso parece ser um consenso entre os moradores da zona sul, que “olham para o mar e vão, no máximo, ao Maracanã”. Por fim, o interlocutor refletiu um pouco mais e concluiu que o Rio “é uma cidade muito segregada, sim”.

4.2 A praia como lugar de mediações

De certo, a segregação existente na cidade se estende para qualquer lugar do espaço urbano. Nas praias não seria diferente, e talvez o fenômeno se dê desde o início: o fato é que “a atual prática de frequentar a praia surgiu primeiro em Copacabana e Ipanema que eram (e são) praias com amplas faixas de areia”. Barickman (2016, p. 4) destaca que esta extensão da faixa de areia “permitia que os banhistas desenvolvessem nelas a gama de atividades que passaram a fazer parte da prática de frequentar a praia”, mas sempre envolvendo a criação de parâmetros para os frequentadores e para as atividades.

Donadio (2011, p. 6) esclarece que, a partir de 1927, “o horário do serviço de salvamento se estendia às 11 da manhã e ainda assim não dava conta da crescente população que demandava os banhos”. Por conseguinte, a extensa faixa de areia, obviamente, contribuiu para o crescimento dos “divertimentos sobre as areias, especialmente os jogos esportivos. Por esse ano, já se praticavam em Copacabana o “foot-ball”, o “voley-ball” e a peteca”.





Esta realidade dos anos 1920, no entanto, foi ao encontro daquilo que transgredia, na visão da época, os hábitos praticados pelos frequentadores da praia e que foram destacados por Barickman (2016, p. 13): “[...] a imprensa reclamava dos banhistas que incomodavam outros banhistas levando cachorros à praia ou praticando esportes – futebol e peteca – na areia”, da mesma forma que “criticavam os trajes ‘levíssimos’ e ‘imorais’ que muitos banhistas vestiam”.

Esses ditos “abusos”, ainda restritos aos costumes, foram atendendo ao convite da extensa faixa de areia, fato que gerou transtornos e proibições. Donadio (2011, p. 14) destaca que “os jogos às vezes avançavam até a faixa lisa da areia, adjacente às ondas, atrapalhando a circulação dos banhistas. O futebol tornava-se o alvo principal das queixas, conforme se lia nos jornais”. Este alvo foi atingido quando o delegado responsável por Copacabana “proibiu ‘terminantemente’ o futebol nos postos daquela praia”, da mesma forma que “mandou que os policiais de seu distrito continuassem procedendo ‘com máxima energia’ contra os banhistas que se apresentassem usando trajes” que atentassem contra a “moralidade pública”. O controle em torno da praia de Copacabana foi tão austero que o “South American Handbook”, tradicional guia inglês, citou, em 1925, que a praia de Copacabana era quase que somente “um local preferido para o banho de mar” (Barickman, 2016, p. 15).

Assim, em meados do século XX, frequentar a praia de Copacabana “constituía uma marca de distinção social; fazia parte de uma identidade sociocultural mais ampla que muitos cariocas de classe alta e média alta usavam para se diferenciar do resto da população da cidade” (Barickman, 2016, p. 64). Esta distinção, percebida pelo autor, com o passar dos anos, notoriamente foi perdendo espaço para as novas demandas contemporâneas que se anunciavam: a adequação dos costumes ligados ao comportamento e ao vestuário e, sobretudo, ao incremento de práticas esportivas realizadas ao ar livre – como o vôlei, o futevôlei e o “*Beach tennis*”. Entretanto, a ideia de praia como lugar de distinção, de valorização, parece que já estava em desenvolvimento, bem como a ideia de divisão do espaço para abrigar as atividades esportivas que cresciam nas praias.

Há alguns anos, porém, a questão do controle nas praias ganhou novos contornos. Farias (2016) e Santos (2013) atentam que a política chamada “choque de ordem”, instalada em 2009, na gestão de Eduardo Paes (2009-2012 e 2013-2016), então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, não foi a melhor forma de garantir a ordem urbana. Isto porque a ideia repressiva que atua em um organismo complexo, como o espaço público metropolitano, expõe fragilidades sociais (e urbanas) que estão longe de serem resolvidas. Na orla, essa ação municipal levou à padronização de equipamentos e à regulamentação do comércio, dividindo opiniões sobre a importância de se ter controle sobre o espaço e sobre como essas ações implicaram em exclusão seletiva e em gentrificação.



A coexistente do conflito e do regozijo na praia parece inseparável, sobretudo em dias de muitos frequentadores – sendo essa uma questão que se diferencia em cada cidade. Em 1917, em Copacabana, quando o espaço ainda começava a despontar como um bairro balneário, já havia a regulamentação para banhos de mar, entre às 6h00 e às 9h00 e entre às 16h00 e às 18h00, em locais específicos, com vestuário adequado e sem ruídos ou vozerios durante o banho de mar (Campos, 2010, não paginado).

A praia de Copacabana é (e parece ter sempre sido), certamente, um lugar de grande visibilidade. Essa constatação leva a praia a ser lugar não só de manifestações na orla, mas de instalações e protestos na areia. Mais de uma vez, por exemplo, a praia foi o lugar escolhido para protestar contra as mortes na cidade. Muitos protestos se utilizaram de cruzes para marcar simbolicamente as vidas perdidas, como em manifestações realizadas em 2007 e, também, em 2020, por ocasião da pandemia do Coronavírus. Ou seja, em Copacabana, praia de grande visibilidade, protestar nas areias é uma forma de buscar maior repercussão para os temas que se quer discutir.

4.3 A praia como lugar de disputa por espaço – trabalho e esporte

Em nossa pesquisa, a maioria dos respondentes não apontou conflito proveniente do vôlei praticado na praia de Copacabana. Entretanto, houve aqueles que apontaram algumas recomendações, como: “[...] apenas acho que deveriam ter horários específicos para a prática no Posto 6, por ter uma extensão de areia pequena”, referindo-se à estreita faixa de areia daquele ponto e o desconforto que é gerado quando a rede de vôlei está montada em um fim de semana ensolarado – provavelmente comprometendo o pequeno espaço existente. Outro respondente, porém, destacou a segurança que a presença das redes de vôlei traz para determinados pontos da praia: “[...] as redes com os grupos ajudam na segurança dos banhistas, por que são formas de inibir a ação de pequenos roubos”. Ainda, outro interlocutor questionou a atuação das escolinhas de vôlei na praia de Copacabana: “[...] falta de placas identificando quais os horários específicos que as ‘escolinhas autorizadas’ podem fazer uso do espaço para que outros possam usar o mesmo espaço sem custo”, uma clara demanda por transparência, no que tange aos usos permitidos e proibidos na praia.

Este tema nos remete a outra ideia, importante ao pensarmos na vivência nas praias: o comércio ali praticado. No documentário produzido por Kallmann e Silva (2007), por exemplo, houve um número grande e diversificado de pessoas que deram depoimentos até certo ponto comoventes, como os jovens evangélicos que se conheceram na praia, na altura do Jardim de Alah, se casaram e, até hoje, vendem açaí juntos naquele ponto. Há, ainda, a oferta de serviços, como a história do massagista que tem uma barraca em frente a um hotel de luxo, no Posto 9, em Ipanema. No documentário, são realizadas entrevistas com jovens



que frequentam a praia para “fazerem amizades com estrangeiros” e “recebem presentes em troca de carinho”, o que parece ser um eufemismo para a prostituição – tema que, frequentemente, é associado à praia e à orla de Copacabana.

Outro exemplo da realidade vinculada à praia, como lugar de comércio, foi o depoimento de uma mulher, que relatou recolher latas, na companhia do seu filho e da sua mãe, na praia da Barra da Tijuca. Moradores da favela do Complexo do Alemão, pernambucanos de origem, declararam que, quando a coleta de latas na praia é proveitosa, a refeição do dia está garantida, mas há vezes em que retornam para casa sem comer nada. Essas histórias ampliam o sentido do comércio e dos hábitos nas praias em tempos atuais.

O comércio nas praias pode ser uma fonte fixa, eventual ou paliativa de rendimentos. Um vendedor de cuscuz, entrevistado no documentário, afirma que há “muitos advogados” vendendo sanduíche na praia e que, ao longo de trinta anos de atuação no Posto 6, conseguiu dar “estudo pra filha”. Hoje em dia, ele continua vendendo cuscuz, mas agora traz a família para desfrutar, junto a ele, da praia, quando termina o “expediente”, ali mesmo em Copacabana. Sobre estes exemplos, cabe ressaltar que, embora a cidade tenha tempo bom na maior parte do ano, o comércio da praia é bastante sazonal, afetado pelas circunstâncias.

Figura 2

Redes de vôlei, barracas e grupos de amigos. Praia de Copacabana na altura do Posto 4



Fonte: Elaboração própria (janeiro de 2019).

Cantanhede (2005, p. 162) já chamava a atenção para o “trabalho informal em sua plenitude criativa”, ao longo da orla de Copacabana. A autora revela que havia, ali, uma “ampla gama de atividades, que incluíam um espetáculo de cachorros adestrados, capoeiristas que liam a sorte dos passantes, uma estátua viva representando um retirante,



massagistas de shiatsu, pessoas que mediam o colesterol e tiravam pressão”. Tratava-se de muitas ações em um mesmo local e “todas essas atividades visavam algum ganho monetário para seus praticantes”.

Sobre essas atividades realizadas no calçadão de Copacabana, Reginensi e Pereira (2013, p. 20) destacam que “os artistas ocupam um lugar especial, no sentido em que se multiplicam nas calçadas de Copacabana, micro lugares de representações da imagem midiática da metrópole em duas dimensões que se opõem e se encontram”. Nesta afirmação, os autores sinalizam para a “exibição de uma cultura da periferia, da favela de onde provêm”, em contraponto à “consagração de uma imagem da capital dos jogos de lazer e esporte”, representada, sobretudo, pela importância que a praia de Copacabana possui no âmbito do Rio de Janeiro – o pano de fundo para a “construção de uma cidade competitiva e global”.

A atleta Isabel Salgado, ex-jogadora da seleção brasileira de vôlei também aparece no documentário de Kallmann e Silva (2007) e afirma que “a praia é o seu escritório”, pois, ali, em Ipanema, ela treina e trabalha, defendendo ser este o melhor lugar do mundo. Para ela, é surpreendente o fato de estar no espaço, atuando como técnica das filhas, que são atletas profissionais de vôlei de praia, e, de repente, se deparar com “três baleias passando no mar; isso é único”.

O trabalho na praia existe desde muito tempo. Há registros que seu Nonô, por exemplo, atua na Colônia de Pescadores de Copacabana desde 1941. O homem relata que, naquela época, “a pesca era de arrastão, com redes de algodão e de linha, mas, com o decorrer dos anos, os que praticavam essa modalidade foram morrendo e seus filhos não deram continuidade”. Quase dez anos depois de ter chegado à Colônia, porém, apareceu o nylon de seda e “o arrastão foi se modernizando e os pescadores também foram praticando novas modalidades de pesca”. Cantanhede (2005, p. 137-138) ressalta que Seu Nonô “é conhecido pelas turmas do vôlei e do futevôlei pelas redes que tece na praia junto ao mar”. Como as redes de pesca são todas industrializadas, o artesão “começou a fazer rede de vôlei, já que o processo é parecido. Ele vende as redes para o mundo inteiro. Um exemplo disso foi uma venda de quatro redes para a Austrália”.

Em nossa pesquisa sobre o vôlei os respondentes não fizeram referência direta ao trabalho desenvolvido na praia, pois a ampla maioria destacou o uso para o lazer e para a prática esportiva. Contudo, uma pessoa fez questão de ressaltar que as melhores redes eram feitas artesanalmente, pelo senhor Nonô, no Posto 6, ratificando a importância do trabalho do artesão. Outro depoimento interessante foi de um respondente que considera “[...] o vôlei de praia marca registrada nas areias de Copacabana, seja por lazer, saúde, qualidade de vida ou trabalho”, opinião que dinamiza e amplia a importância desta modalidade. Por fim, trazemos outro depoimento que acentua a importância do vôlei praticado na praia de



Copacabana: “[...] é fantástico poder jogar naquele ambiente tão gostoso, aprazível e democrático. É um exemplo perfeito dos serviços ambientais de lazer e recreação”.

5 Conclusão

Cada lugar do mundo, do Rio, ou mesmo de Copacabana, vai se configurar de um determinado jeito, em função das especificidades que lhe são comuns. Entretanto, chama a atenção como a praia é uma realidade posta, mas não necessariamente resolvida. Muitas acepções e modos de viver a praia são explicitamente deflagrados, quando observamos melhor a relação pessoas-lugar. Assim, destaca-se como a praia é um lugar explícito do lazer e, conseqüentemente, propício às práticas esportivas, e até de trabalho, para esse setor.

Ainda, a praia parece ser realmente um lugar dedicado à amizade e ao amor; existe a comunhão com a natureza, a celebração da alegria e o relaxamento. Logo, frequentar a praia é um exercício de socialização. Registrado no documentário em Copacabana, na altura da Rua Bolívar, um grupo de pessoas, amigos há mais de trinta anos, faz um churrasco na praia. Eles dizem que, ali, é lugar de “farofa” mesmo – por ser um ambiente ótimo, onde todos se conhecem, e bom para paquerar. Uma entrevistada, inclusive, afirma: “não estou procurando (parceiro), mas se pintar...”, fazendo referência às possibilidades de encontrar alguém para namorar. Ali, naquele território específico, os interlocutores afirmam, de forma conclusiva: “somos unidos pela praia” (Kallmann e Silva, 2007).

Conforme destacaram Pinheiro *et al.* (2009, p. 66), as praias jamais foram vistas como locais para as pessoas tomarem banho de mar apenas. Como elas se desenvolvem “ao longo de uma malha urbanizada” e se localizam “numa cidade dotada de forte vocação para a cultura e a diversão, é nelas que a população se encontra para conversar, namorar, combinar novos programas e se divertir”. As praias do Rio de Janeiro, portanto, “são uma espécie de grande praça da cidade, cartões de visita da metrópole”.

Lobato (2012, p. 254), em sua pesquisa, ademais, reforça a ideia de intensa sociabilidade, ao afirmar que “o ambiente da praia é favorável à formação de redes de amizade e sociabilidade. O clima de descontração, o sol, o mar e a fuga da rotina são elementos que compõem esse cenário”. A autora destaca, ainda, que existem elementos que contribuem e facilitam essa socialização – “como os bares e quiosques, o calçadão para se caminhar, a ciclovia para andar de bicicleta, o mar para nadar, as redes para se jogar vôlei, o frescobol, o futebol e outros esportes”. Ela encerra, afirmando que “a praia de Copacabana como um todo oferece ampla possibilidade para a formação de grupos de amigos”.

Na nossa pesquisa, a grande maioria dos respondentes destacou, de fato, a formação de grupos de amigos e a socialização como os principais elementos relacionados ao vôlei de praia em Copacabana. Houve depoimentos como, por exemplo: “O vôlei de Copa é uma



terapia para vida onde reencontramos os amigos, batemos papo depois do vôlei, partimos para uma cervejinha e continuam os papos e a risada; depois cada um segue seu caminho esperando o dia seguinte para o reencontro”, e também: “Acredito que além da prática esportiva, tem o lado de socializar com outras pessoas, fundamental pra nosso crescimento pessoal”.

Logo, nos chama a atenção a formação de uma territorialidade advinda das inúmeras práticas de vôlei na orla, pela transformação de um lugar da cidade em prol de uma atividade em grupo. Se, como já afirmado, há uma territorialidade do esporte, pela forma como cada atividade esportiva se organiza e se insere no espaço urbano, pode-se afirmar que há a formação de uma territorialidade através do vôlei. Em Copacabana, orla consagrada como lugar das primeiras experiências deste esporte em praias brasileiras, por sua vez, nota-se um rico campo de histórias acumuladas, evidenciado na formação de territorialidades específicas, que se inserem no espaço e criam sociabilidades, além de aglutinarem grupos por afinidades e interesses em comum.

Ir à praia, em qualquer circunstância, parece, de fato, ser uma forma de se inserir e de perceber o mundo. Apesar disso, é quase inacreditável como isso pode se dar em um ambiente que, por vezes, parece absolutamente caótico e cheio de disputas. Paisagem e memória, quando se fala de praia, tornam-se atributos que se inscrevem no espaço urbano de maneira indelével, o que afirma a forte sociabilidade que acontece na orla, como uma forma ativa de valorização da vida na cidade – como o Rio de Janeiro é exemplo, e Copacabana, uma referência singular.

Agradecimentos

Os autores agradecem à CAPES e à FAPERJ pelo suporte financeiro à pesquisa para tese de doutorado de Marcelo Ribeiro Tavares.

Referências

- Augustin, J. P. (2018). Une géographie des médiations territoriales: cultures, territoires et pratiques sportives. *Sciences de la société*, n. 101, p. 84-91.
- Barickman, B. J. (2016). Medindo maiôs e correndo atrás de homens sem camisa: a polícia e as praias cariocas, 1920-1950. *Recorde: Revista de História do Esporte*, 9 (1), 1-66.
- Callède, J. P. Augustin, J.P. (2010). 2007 – Géographie du sport. Spatialités Contemporaines et mondialisation. Paris, Armand Colin (collection U – Géographie), 224 p., cartes, fig., ill. *Les Cahiers d'Outre-Mer* – Revue de Géographie de Bordeaux, n. 250, p. 293-295, abr./jun. 2010.



- Campos, F. (2010). Das casas de banho ao Copacabana Palace – Balneário da Cidade Maravilhosa. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, 4, 169-175.
- Cantanhede, A. (2005). *Multidão e solidão na orla de Copacabana*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Corbin, A. (1989). *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Donadio, P. (2011). “Foot-ball” na areia e banhos de sol no Rio de Janeiro (1917-1940). *Recorde: Revista de História do Esporte*, 4 (1), 1-20.
- Elias, N.; Dunning, E. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Farias, P. (2016). Um “Choque de Ordens”: uma análise sobre o controle do espaço público na orla carioca. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, 4 (2), 163-190.
- Kallmann, D.; Silva, F. (2013). *Faixa de areia*. Filme, 94 min. Canal “misterjohnfortal”. Recuperado em 03 de abril de 2020, de <https://www.youtube.com/watch?v=0ao2bIOtQwk>
- Kallmann, D.; Silva, F. *Faixa de areia*. Filme, 94 min., 2007. Publicado pelo canal “misterjohnfortal” em 27 jul. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ao2bIOtQwk> Acesso em: 3 abr. 2020.
- Lobato, M. (2012). *Envelhecer no “paraíso da terceira idade”: percepções dos moradores idosos sobre Copacabana*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Mascarenhas, G. (1999). A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 47-61, dez. 1999.
- Nações Unidas no Brasil. *Rio de Janeiro é a 1ª paisagem cultural urbana declarada Patrimônio Mundial da UNESCO*. Recuperado em 04 de julho de 2017, de <https://nacoesunidas.org/rio-de-janeiro-e-1a-paisagem-cultural-urbana-declarada-patrimonio-mundial-da-unesco/>
- Pinheiro, A., Pessoa, I.; Pinheiro, E. (2009). Praia de Copacabana: um ícone carioca. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, 3, 57 – 76.
- Reginensi, C.; Pereira, M. (2013). Cotidiano e partilha do sensível na praia de Copacabana. In: Gomes, M., Maia, R., Cardoso, I. & França, B. (Org). *Renovação urbana, mercantilização da cidade, desigualdades socioespaciais* (139 - 156). Rio de Janeiro: Mauad.
- Sack, R. D. (2009). *Human territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Santos, N. (2013). Conflitos sobre os usos do espaço urbano na cidade do Rio de Janeiro: a operação “Choque de Ordem”. *Teoria e Cultura*, 8 (1), 85-92.
- Tavares, M. (2020). *Copacabana: as territorialidades do vôlei e suas múltiplas interpretações*. 2020. 229f. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- Tavares, M.; Vaz, L.; Matos, M. (2020). Sports and Public Space: volleyball practice in Copacabana and Carcavelos/Cascais Beaches. *Journal of Civil Engineering and Architecture*, Nova Iorque, v. 14, 2020, p. 92-99.